

# CURTA-METRAGEM EM QUESTÃO

A ação do Instituto Nacional do Cinema a favor do curta-metragem se faz sentir não somente nos filmes que produz para o seu acervo de documentação e distribuição junto a escolas e entidades culturais, como também na participação efetiva junto aos realizadores de filmes do gênero, quer sob a forma de premiação, quer sob a forma dos incentivos legais de proteção aos filmes curtos.

Neste sentido é de grande importância para os destinos deste tipo de filmes no Brasil a Resolução n.º 4, que criou o Certificado de Classificação Especial, possibilitando aos filmes assim rotulados por comissão constituída de personalidades da classe, beneficiarem-se, durante 28 dias por ano, em todos os cinemas do país, com 0,8% do número de poltronas existentes na sala exibidora, em cada sessão, calculado pelo maior preço da respectiva sala. Até o final de 1969, cerca de 150 curtas-metragens receberam a Classificação Especial. Outras medidas para reforçar esta Resolução estão sendo estudadas.

Por outro lado, numa ação puramente cultural, é de grande importância o trabalho exercido pelo INC, direta ou indiretamente, para a realização de novos filmes curtos. Os incentivos na forma de premiação-financiamento para a realização de um curta-metragem, aos diretores que se destacaram no Festival JB Mesbla, no Festival de Cinema de Brasília, no Festival de Manaus e outros prêmios em dinheiro, aos melhores curtas de cada ano — e ainda todo um projeto para dinamizar o Departamento do Filme Educativo, são dignos de nota e do conhecimento da classe cinematográfica e dos meios educacionais e culturais do País. São muitos os filmes produzidos pelo INC sobre assuntos de cultura, arte, educação, e especificamente sobre a história de nosso cinema, que formam o acervo da Filmoteca do Instituto.

*Alcântara, Cidade Morta*, dirigido por Sérgio Sanz; *Uma Alegria Selvagem*, de Jurandyr Noronha; *A Cabra na Região Semi-Árida*, de Rucker Vieira; *Jornada Kamayura*, de Heinz Forthman; *Lasar Segall*, de Carlos Couto; *Mário Gruber*, de Rubem Bifora; *Brasília-Planejamento Urbano*, de Fernando Campos; *A Linguagem do Teatro*, de João Bethancourt; *A Medida do Tempo*, de Jurandyr Noronha; *Dramática Popular*, de Geraldo Sarno; *Retrato de Villa Lóbos*, de Miguel Schneider; *Reforma Universitária*, de Paulo Jorge de Souza, e *Cândido Portinari*, de João Batista, são alguns exemplos dos filmes culturais produzidos pelo INC. Figuras populares da nossa música, como Carmen Miranda e Francisco Alves, foram focalizadas nos filmes *Carmen Miranda*, de Jorge Ileri, e *Uma Cruz na Estrada*, de Astolfo Araújo. Objetivando promover nosso cinema, não somente no Brasil, como também no exterior, o INC produziu os seguintes documentários: *Panorama do Cinema Brasileiro*, longa-metragem que conta a história de nosso cinema de 1898 até 1968; os curtas, *Adhemar Gonzaga*, focalizando o trabalho de um dos pioneiros do cinema brasileiro; *A Batalha dos Sete Anos*, que mostra o período de lutas e de afirmação que sucedeu a cessação de atividades da Vera Cruz; *O Ciclo da Vera Cruz* e *o Surto Industrial*; *Carmen Santos*, outra famosa pioneira de nosso cinema; *Os Vencedores*: os prêmios conquistados pelo cinema brasileiro, de 1950 a 1965; *José Medina*, também pioneiro; *Festival no Rio (II FIF)*; *Alberto Cavalcanti*: sua importância na cinematografia nacional.

Assunto de grande interesse para a classe — a melhor forma de se aprender a fazer cinema — o curta-metragem será o tema de muitos trabalhos a serem efetuados por **FILME CULTURA**. Iniciamos agora, colocando-o em questão junto a sete nomes representativos dos diversos movimentos ligados ao gênero.

- Como você vê a sua experiência na curta-metragem?
- Quais os problemas técnicos que enfrentou em sua realização?
- Que tipo de distribuição tiveram seus filmes?
- Realiza atualmente algum filme?
- Que assuntos gostaria de abordar em curta-metragem?
- Tem projetos no campo da longa-metragem?

ALFREDO STERNHEIM  
DAVID NEVES  
IPOJUCA PONTES

ELYSEU VISCONTI CAVALLEIRO  
ROBERTO KAHANÉ  
VALÉRIO ANDRADE  
JURANDYR PASSOS NORONHA

#### ALFREDO STERNHEIM

• Nasceu em São Paulo, capital, em 31 de julho de 1942. Foi assistente de direção de Walter Hugo Khouri em *A Ilha* (1963) e *Noite Vazia* (1964). Crítico de cinema, colaborou em o "Estado de São Paulo" durante quatro anos (63 a 67). Seu primeiro curta-metragem foi realizado em 1962/63, *Um Recanto Aprazível*, sobre a colônia de férias do SESC em Bertioga. A seguir, *Noturno*, em 1967, produzido pelo INC focalizando São Paulo à noite, representante do Brasil no Festival de Veneza e ganhador do Prêmio "Governador do Estado". Segue-se *Flávio de Carvalho* (1968), também premiado com o "Governador do Estado". *A Batalha dos Sete Anos* (1968), *O Ciclo Vera Cruz* (1969) e *Alberto Cavalcanti* (1969), produzidos pelo INC, contam um pouco, cada um, parte da história do cinema brasileiro. Realizou recentemente, *Isei Nisei Sansei*, que ele próprio produziu focalizando a colônia japonesa em São Paulo. Produz para a TV Cultura, Canal 2, o programa "Cinema Brasileiro", de grande repercussão. Vai dirigir seu primeiro longa-metragem, intitulado provisoriamente "Paixão na Praia", com Norma Bengell no papel principal.

1 — Satisfatória na maioria das coisas que fiz, insatisfatória pelo que deixei de fazer. De qualquer maneira, os sete curtas-metragens foram uma ótima escola, acirraram o controle artesanal e o gosto pelo cinema. E alguns prêmios realmente me estimularam. As insatisfações, na maioria das vezes, ocorrem quando não contamos com os recursos que gostaríamos de ter. Em síntese a experiência pode ser apontada, sem falsa modéstia, como positiva.



Cena de *Isei Nisei Sansei*, de Alfredo Sternheim.

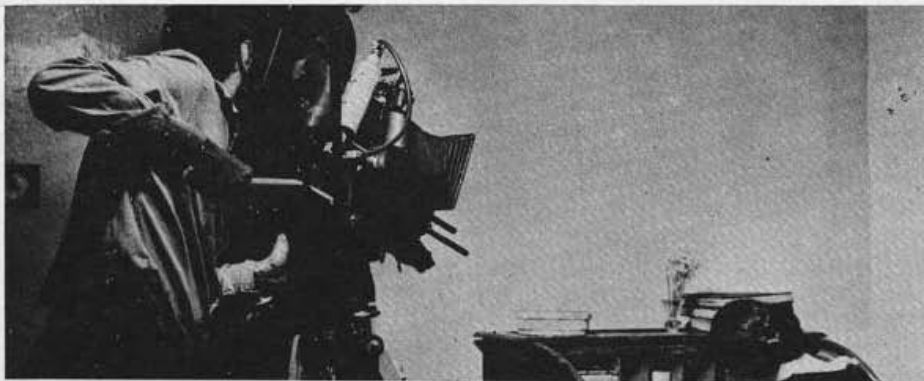
2 — De todos os filmes que fiz, *Noturno* num certo sentido foi o que ofereceu maiores dificuldades técnicas. Isso porque desejava apreender todo o clima de São Paulo, do entardecer ao amanhecer. E isso não foi fácil. Cada filmagem era uma batalha. Mas creio que consegui plenamente o que queria, graças também ao trabalho do grande iluminador que é Rudolf Icsey; ele é realmente admirável. Mas na maioria das fitas, as dificuldades são provocadas por câmeras nem sempre perfeitas, e pelo pouco filme virgem de que geralmente os documentaristas dispõem para as suas realizações. Essa escassez de material é o que mais atrapalha.

3 — Quase todos os filmes que fiz, foram para o INC. *Flávio de Carvalho*, produzido por Jorge Teixeira, foi lançado normalmente, de acordo com a Resolução que criou a Classificação Especial. Esta Resolução realmente estimulou a produção de filmes curtos de nível cultural, mas agora urge estimular, ampliar o mercado exibidor para os portadores da Classificação.

4 — Estou sonorizando *Isei Nisei Sansei*, documentário em cores, por mim produzido e dirigido, com financiamento da Comissão Estadual de Cinema do Governo de São Paulo. É um antigo projeto, sobre a colônia japonesa em São Paulo, suas virtudes, os benefícios que trouxe ao trabalho paulista, o processo de integração, os distanciamentos e aproximações entre as raças.

5 — Planos concretos, não. Mais assuntos, sim. Alguns já se tornaram filmes (*Tarsila do Amaral*, *Burle Marx*). Outros não: a colonização alemã em Santa Catarina, os holandeses no Brasil, o mecanismo do cinema, e principalmente filmes ligados à música erudita (pianistas como Guiomar Novaes e Yara Bernette, compositores como Carlos Gomes e outros do Império).

6 — Vários. Um está prestes a tornar-se realidade: *Paixão na Praia*, um "thriller" intimista, em cores com início previsto para meados de julho. Uma atriz já contratada: Norma Bengell.



David Neves dirige uma cena de *Memória de Helena*.

1 — Apesar de já ter passado para o longa-metragem, continuo com minhas velhas idéias de fidelidade ao curta-metragem. Se o gênero tivesse uma proteção concreta por parte do INC, e não apenas ocasional e hipotética, eu me arriscaria a abandonar toda atividade "supérflua" para me dedicar exclusivamente a ele.

2 — Os problemas técnicos que enfrento sempre, ao realizar um curta-metragem, estão sempre vinculados aos problemas econômicos e estes, por sua vez, a problemas da distribuição que, na falta de um estatuto rígido, praticamente não existe.

3 — Dos curtas-metragens em que tomei parte somente um passou por uma experiência (penosa) de distribuição. Os outros tiveram seus direitos cedidos a terceiros, pelos motivos expostos acima.

4 — Estou realizando atualmente seis curtas-metragens e um longa-metragem. Os temas dos curtos são variados. O longa-metragem é baseado nos contos "Lucia McCartney" e "O Caso de F.A.", de Rubem Fonseca.

5 — Gostaria de fazer documentários de pesquisa, sobre temas brasileiros, onde as facilidades de produção permitissem a coleta de um material farto que

## DAVID NEVES

• David E. Neves nasceu em 14 de maio de 1938, Rio de Janeiro, Guanabara. Há muitos anos dedica-se ao cinema nas mais diversas formas: jornalista, cineclubista, realizador de curtas e longas-metragens. *Mauro*, *Humberto*, *Colagem* e *Jaguar* são os seus principais trabalhos no curta-metragem, mas seu nome está ligado a muitos documentários de cineastas jovens ou novatos que ele produz e incentiva. Dêstes, um dos mais recentes é *Tarzan* que produziu e realizou juntamente com o "novíssimo" Michel do Espírito Santo. Seu primeiro longa foi *Memória de Helena*, premiado no Festival de Brasília em 1969. A seguir, *Lucia McCartney* em final de produção. Mas David Neves não encerrou sua carreira de diretor de curta-metragem, muito ao contrário, tem muitos planos em execução e projetos que preencherão por longos anos ainda sua atividade preferida no cinema.

não provocasse os sobressaltos e certo pauperismo criativo dos filmes com que tenho lidado até agora.

6 — Além de *Memória de Helena*, já lançado, e imediatamente depois de *Lucia McCartney*, pretendo fazer um longa-metragem em cuja história tenho trabalhado desde o ano passado.

## IPOJUCA PONTES

• Natural da Paraíba, onde nasceu há 26 anos. Iniciou suas atividades como jornalista e crítico de cinema. Foi co-argumentista e co-roteirista do documentário *A Cabra na Região Semi-Árida*, produção do INC. A seguir colaborou na adaptação de *A Compadecida*, dirigido por George Jonas, e dirigiu *Os Homens do Caranguejo*, documentário que ganhou no V Festival de Cinema de Brasília, em sua categoria, os seguintes prêmios: Prêmio INC (realização de um documentário, já em produção), Prêmio Opinião Pública, Prêmio do OCIC, Prêmio do Clube de Cinema de Brasília. Com o financiamento do INC está realizando no momento o curta-metragem *A Poética Popular*.



Ipojuca Pontes

1 — De modo bastante objetivo. Para mim, uma experiência rica e proveitosa, pois, através do filme curto, percorri uma trajetória de aprendizado técnico e humano que agora possibilita a realização de projetos mais ambiciosos. Devo acrescentar, no entanto, que o domínio artesanal do cinema me preocupa bastante, em se tratando

de longa ou curta metragem. O curto, inclusive, me parece mais difícil, por uma questão de síntese, de ritmo. Quem deseja refletir ou projetar-se sobre a realidade, encontra sempre dificuldades fazendo o documentário de pequena duração, justamente devido a falta de tempo. Minha fórmula de curto é simples: deve assemelhar-se a

uma canção. À forma de uma canção, se possível épica. O que é muito difícil.

2 — Antes, uma opinião pessoal: a idéia de pensar no cinema não me preocupa. Não quero pesquisar o cinema. Acho que existe uma linguagem estratificada que devo apenas aproveitar para colocar os problemas que são meus e

da minha gente. Problemas financeiros, existem, sim, e muitos. Por exemplo: o uso de determinadas lentes, do carrinho, da "truca" significa dinheiro. Se uma lente como a 18 me ajuda a expressar uma idéia e eu não conto com a lente, isto significa que talvez minhas possibilidades formais de expressão se tornem reduzidas.

3 — Em salas de aulas e conferências mais do que em cinemas comerciais, pròpriamente. A Resolução do INC criando o Certificado de Classificação Especial para o curto foi realmente louvável. Mas, não está completa. No que diz respeito ao complexo distribuição-exibição, os pequenos produtores ficam sempre subordinados a esquemas marginalizantes. Quanto à minha experiência "comercial", não poderia ter sido mais infeliz. Não tive a menor condição de resistir à máquina marginalizadora da distribuição-exibição. O ideal seria a distribuição de curtos sem a transferência de propriedade do Certificado.

4 — Com o prêmio de finan-

ciamento dado pelo INC (*Os Homens do Caranguejo* — V Festival de Brasília) pretendo completar dentro em breve *A Poética Popular*, documentário sôbre os últimos poetas populares vivos, na linhagem dos menestres medievais, justamente os repentistas e violeiros nordestinos. Uma gente aventureira e sentimental, matriz da melhor poesia erudita brasileira. Didático, o filme buscará a projeção das tradições da nossa cultura popular, formalmente rica, mágica, narrativa e comunicativa, capaz de estabelecer um entendimento histórico entre pretos e brancos, ricos e pobres, letrados e analfabetos.

5 — Os assuntos que dimensionem o homem brasileiro, particularmente o rural. O lado estóico do homem brasileiro, a sua capacidade de enfrentar a adversidade, ultrapassando-a heróica ou tragicamente. Gostaria muito de realizar um outro projeto, "Os Coronéis", um estudo sôbre a civilização do couro, que está sendo considerado pelo INC. Analisa um tipo humano responsável pela for-

mação das primeiras cidades do interior nordestino. Espero realizá-lo ainda este ano.

6 — Um projeto que julgo excepcional, abordando vários fenômenos sociais brasileiros, tais como o coronelismo, o cangaço e o misticismo: "O Valente Vilela". Trata-se da história da colonização nordestina através de um personagem rude e violento, que se transforma em santo e herói. O Vilela é um ser medieval, que aos poucos vai-se elevando até uma condição trágica, de sacrifício. Escrevi "O Valente Vilela" pensando na grandeza do homem rural brasileiro, que só encontra paralelo no samurai japonês. O épico me fascina e a colonização brasileira, também. Fico estarecido quando constato a ignorância da maioria em relação ao homem e coisas brasileiras. Sabe-se pouco do caráter dionisíaco, místico e sentimental de nosso povo. Sabe-se menos ainda da sua verdadeira dimensão e do valor das suas tradições. Isto me incomoda. Isto me forçará a levar "Vilela" ao cinema, cedo ou tarde.

#### ELYSEU VISCONTI CAVALLEIRO

• Nasceu no Rio de Janeiro, em 1939. Iniciou suas atividades artísticas como pintor e fez cursos de arte no Museu de Arte Moderna e na Escola Nacional de Belas-Artes. Escreveu sôbre Artes Plásticas e Cinema. Em 1962 fez o seu primeiro filme, em 16mm, o curta *Arte Barroca no Paraguai*. Entre 1964 e 1965 realizou dois documentários na Europa: *Semana da Cultura Brasileira em Praga* e *Monólogo*. Desde então, no Brasil, já fez os seguintes filmes curtos: *Folia do Divino* (1968); *Folguedos Populares* (1969); *Bom Jesus da Lapa, Salvador dos Humildes*; *A Feira de Juazeiro*; *Giuventú e Elyseu Visconti*, todos de 1970, os dois últimos sôbre o pintor Elyseu Visconti. Está terminando um longa-metragem, *Os Monstros de Babalu* e prepara um outro, *O Lobisomem*.



Cena de Folia do Divino, de Elyseu Visconti Cavalleiro.

1 — Serviu-me para uma série de experiências. Como estudo. Som direto, pesquisas folclóricas, fotografia, produção, montagem e distribuição.

2 — Vários. O primeiro é de produção. O curta-metragem é vendido a preço irrisório a distribuidores que mutilam o trabalho, cortando pedaços para cumprir horário. E, se o filme fôr em côres, é pior: o exibidor manda fazer cópia em preto e branco. Os órgãos que deveriam ajudar e proteger o pequeno produtor de curta-metra-

gem não o fazem. O curta-metragem no Brasil é ainda um tabu. Nos países mais avançados culturalmente, o curto é o início de carreira do cineasta, funcionando como estudo, pesquisa, experiência, laboratório. Aqui, como não temos escola de cinema, acho que os órgãos competentes deveriam incentivar a produção através de uma rigorosa fiscalização. Estipular um preço de compra de filme curto.

3 — Com muito esforço e difi-

culdade distribuo meus filmes, no interior e nas capitais.

4 — Acabo de filmar um longa-metragem, *Os Monstros de Babalu* e preparo um outro, *O Lobisomem*.

5 — Estou preparando um filme de 10 minutos sôbre a Belle Époque no Brasil. Vai ser todo realizado na "truca", com revistas: *Fonfon*, *Revista Brasileira* e outras da época.

6 — Começarei a rodar em breve "As Aventuras do Cristo Planetário", roteiro que estou trabalhando há quase três anos.

## ROBERTO KAHANÉ

• Natural de Manaus, Amazonas, onde nasceu no dia 7 de setembro de 1948. Em 1968 estreou no cinema no curta-metragem *Manaus Fantástica*. Com outro curta-metragem, *A Coisa Mais Linda Que Existe ou A Trajetória de um Seringueiro*, em 1969, ganhou o Prêmio INC no I Festival Norte de Cinema Brasileiro. Em 1970 realizou mais quatro filmes curtos: *Arquitetura em Manaus*, produção INC, documentário sobre a promiscuidade arquitetônica de Manaus; *Natura Sonoris*, produção do Departamento de Turismo e Promoção do Estado do Amazonas, sobre o Amazonas turístico; *Silvino Santos*, o *Fim de Um Pioneiro*, documentário sobre um dos pioneiros do filme documentário no Brasil, recentemente falecido e *A Feira da Independência em 1922*, reconstitutivo do material fotografado na época por Silvino Santos. Está terminando o seu primeiro longa-metragem, *Como Cansa Ser Romano nos Trópicos*, filmado em Manaus.

1 — Excepcional. No princípio, com a realização de filmes em 16 mm, a investida me parecia utópica, principalmente em se tratando de curtas-metragem e realizados numa cidade como Manaus. O importante porém foi a oportunidade que tive de desenvolver algumas formas de linguagem, oportunas no momento, pois em Manaus todos os movimentos "culturais" vinham se revestindo de conotações extremamente reacionárias e academicistas. O meu primeiro filme *Manaus Fantástica*, amadureceu a minha visão crítica e me deu a segurança para enfrentar um tema como a "Amazônia misteriosa". O filme seguinte. A



Roberto Kahané dirige uma cena de *Como Cansa Ser Romano nos Trópicos*.

*Coisa Mais Linda Que Existe ou A Trajetória de um Seringueiro* foi o prosseguimento do filme anterior. Depois desses trabalhos em 16 mm os outros são todos em 35 mm.

2 — Além das conhecidas, junta-se o problema de terem sido realizados em Manaus, estado do Amazonas, distante mais de 3 mil quilômetros do laboratório mais próximo.

3 — Os de 16 mm só foram exibidos em cineclubes e em algumas sessões da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Os de 35 mm, que são: *Arquitetura em Manaus*, é produção do INC e terá a sua própria distribuição. *Silvino Santos*, o *Fim de um Pioneiro*, *Natura Sonoris*, *Exposição da Independência em 1922*, todos com a produção da Batoque Cinematográfica Ltda., ainda não foram distribuídos, e é quase certo que eles tenham a

mesma dificuldade de todo o curta-metragem, falta de mercado por falta de legislação de obrigatoriedade mais dilatada e fiscalização mais severa.

4 — Estou ultimando a ampliação para 35 mm, de um longa-metragem que rodei em Manaus em 16 mm, *Como Cansa Ser Romano Nos Trópicos*.

5 — Tenho em mente com toda a minha equipe de trabalho, uma série de curtos sobre toda a Amazônia, feitos especificamente para o mercado internacional e mais uma viagem documental do México até a Patagônia, filmando a *Arte Pré-Colombiana*.

6 — Tenho. A realização de um filme de ação, comicidade, drama e suspense, com argumento de Domingos Demasi Filho, *Senão Vejamos ou o Super-Homem de Biafra* e mais um filme sobre o cantor mais popular do norte, *O Elegante Waldik Soriano*.



Valério Andrade dirige uma cena de *José Lins do Rêgo*.

## VALÉRIO ANDRADE

• Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte. Primeiras atividades no cinema: como jornalista e crítico de cinema, ainda em Natal. No Rio de Janeiro, continuou suas atividades como jornalista e crítico, desenvolvendo-as em jornais e revistas, como "Correio da Manhã", "Jornal do Brasil", "Veja", *FILME CULTURA*, "Guia de Filmes" e outros. É editor de livros. Seu primeiro contato com o cinema prático foi o documentário *José Lins do Rêgo*, premiado pelo INC em 1969.

1 — A experiência que tive com o curto *José Lins do Rêgo* foi extremamente útil. Principalmente em relação a qualquer projeto futuro. Quanto ao gênero, estou certo que o curto é o melhor caminho para quem pretende instalar-se atrás das câmaras. Ele permite co-

nhecer, na prática, a realidade do nosso meio industrial, ao mesmo tempo que nos oferece uma valiosa antevisão dos problemas artísticos e das dificuldades técnicas existentes no longo. E, ainda, uma eficiente forma de testar nossa (in) capacidade sem abusar da paciên-

cia do público, por mais de 15 minutos. Em suma: um "trailer" que vale a pena ser feito.

2 — *José Lins do Rêgo* esbarrou de saída em um obstáculo intransponível: a falta de material filmado sobre o autor. Tínhamos em nosso poder um monte de fotogra-

fias (das quais muitas eram instantâneos caseiros de má qualidade), como única fonte de trabalho. A questão fundamental era achar a alternativa que permitisse fazer algo mais do que uma simples colagem de fotos, sem, contudo, deslocar a figura de José Lins do Rêgo para um plano secundário. Ele teria de centralizar as atenções do público: o filme era um tributo a sua memória. De acordo com os espec-

### JURANDYR PASSOS NORONHA

• Natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, onde nasceu em 1916. Um dos mais antigos e dedicados homens do curta-metragem brasileiro. Suas atividades cinematográficas foram iniciadas como jornalista, na revista *Cinearte*, responsável pelas sessões "Cinema de Amadores" e "Cinema Educativo". Produtor de reportagens para dois jornais cinematográficos da Cinédia. Foi roteirista, cinegrafista, montador e diretor de inúmeros curta-metragem, entre os quais: *A Evolução da Arquitetura no Brasil*, *Evolução dos Transportes no Brasil*, *Minas Antiga e Moderna* (1942); *Variações sobre Música Popular* (1943); *A Medida do Tempo* (1963); *O Monumento* (1964); *Uma Alegria Selvagem* (1965). No média-metragem, realizou *O Esforço de Guerra no Brasil* e *A Volta dos Pracinhas*, de 1944 e 1946, respectivamente. Responsável pelo roteiro e direção do documentário antologia e longa-metragem produzido pelo INC, *Panorama do Cinema Brasileiro*. É Chefe da Filmoteca do Instituto Nacional do Cinema. Está realizando dois longas, com material documentário de diversas épocas: *Cômicos e mais Cômicos* e *60 Anos de Brasil*. Terminou recentemente para o INC, o curta *Carmen Santos*, e está realizando um outro focalizando *Humberto Mauro*.

1 — Vejo como tendo sido da maior importância. Uma consequência dos meus tempos como cinegrafista de atualidades. O curta-metragem, força o seu realizador a ser quase um homem-equipe. Isso exige que todos nós tenhamos uma visão global dos problemas de realização de um filme. Para uma geração em um país ainda sem cursos estáveis de cinema, o curta-metragem é a maneira de se conseguir uma formação técnica e estética.

2 — Aquêles peculiares ao Cinema Brasileiro de quando comecei: filmagens com câmeras equipadas somente com uma lente de 47 milímetros (havia um modelo de Eymo fornecida assim); gravação de narrador e música, tudo a um só tempo e já na película fotográfica; processamento de revelação manual, em teares, com o filme, devido ao calor, tendo maior

tadores que privaram da intimidade do autor de "Menino de Engenho" êsse (duplo) impasse foi contornado satisfatoriamente: a imobilidade fotográfica fôra superada pela atmosfera emocional.

3 — A distribuição foi entregue à Cinedistri. E até hoje, um ano depois, permanece praticamente inédito. Pelo menos, nunca passou em um dos circuitos cariocas, onde semanalmente são vistos e

revidos os "enlatados" de propaganda paga.

4 — Não.

5 — O gênero permite a abordagem de uma infinidade de temas, alguns, aliás, conflitantes com as normas de produção inerentes ao longa-metragem. Uma idéia me seduz: o drama dos artistas esquecidos pelo público, que vivem ocultos na sombra do ostracismo.

6 — Não.



Jurandyr Noronha de olho na câmara, dirige uma cena de Humberto Mauro. Ao seu lado, Marco Bottino (assistente de câmara) e Giula Kolosvari, diretor de fotografia.

revelação nos fotogramas que ficavam junto à madeira; copiagem com mudanças de luz dando, também, dois ou três fotogramas mais claros em cada variação, desde que os copiadores que possuíamos, em geral, eram feitos de velhos projetores e com material elétrico, — reostatos etc. — todo de segunda mão. Hoje, é tudo melhor. No entanto, a luta pela melhoria do padrão técnico deve continuar.

3 — Circuitos comerciais, televisão e cineclubes. Festivais, seminários e cursos. A êsse respeito não tenho do que me queixar. Foi para mim uma grande emoção quando o Sr. Bernard Queennan, produtor inglês e Conselheiro para cinema da UNESCO, disse-me conhecer de nome, por haver assistido *Uma Alegria Selvagem*, numa sessão para crianças, no Teerã.

4 — Terminei um curta-metragem sobre Humberto Mauro, um homem com quem convivi, divergi, aprendi e por quem tenho profunda admiração. O filme é como uma homenagem que faço a êle. Antes de mim, David Neves já havia feito homenagem idêntica. Como motivo, Mauro é inesgotável. O Brasil deve a êle, como a Ademar Gonzaga, e a outros ainda, pelo que influíram, não um curta mas um longa-metragem. Foi, ao que me consta, o que os alemães fizeram tomando como assunto a obra cinematográfica de Alberto Cavalcanti, outra impressionante figura de cineasta. Até hoje, fico pasmo de admiração quando revejo

algumas seqüências que assisti Mauro filmar: — sem nenhum roteiro-técnico, com tudo absolutamente improvisado. No entanto, com êsse material, que primor de montagem viria êle posteriormente a conseguir.

5 — Um roteiro meu, baseado numa monografia de Luiz da Câmara Cascudo, sobre as causas que dificultam a aculturação profissional dos jangadeiros. O roteiro, ainda que em primerio-tratamento, já é algo concreto. Gostaria, ainda, de relembrar em filmes, algumas figuras como Álvaro Alvim e Vital Brasil, hoje tão esquecidos.

6 — Tenho dois filmes, os quais ficarão prontos ainda êste ano. São ambos importantíssimos, não por terem sido realizados por mim, mas pelo material documentário de que são formados. Refiro-me a *Cômicos e mais Cômicos*, uma antologia sobre a comicidade no Cinema Brasileiro, tendo como elemento de ligação quatro seqüências filmadas em Eastmancolor, e ainda *60 Anos de Brasil* (título provisório), que pretendo seja um painel, um grande mural animado sobre o nosso país. Projetos? — Canudos é sempre uma provocação quando se relê Euclides da Cunha, ou se vê as gravuras do desenhista Poty ou da edição alemã. "O Chapadão do Bugre", de Mário Palmério, também fica no pensamento de qualquer cineasta que o leia. **INC**